

NOTAS E RECENSÕES

XXII CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA

O próximo Congresso Internacional de Geografia ⁽¹⁾ vai reunir-se no Canadá, em 1972, e durará desde a última semana de Julho até à primeira semana de Setembro; as sessões gerais e das diferentes secções decorrerão em Montréal, de 10 a 17 de Agosto. O programa compreende reuniões de comissões, colóquios de tarde, conferências à noite, sessões de aplicação de técnicas novas num dia inteiro (inovação particularmente útil e curiosa).

Segundo as melhores tradições dos congressos anteriores, foi já distribuído, na primeira circular, um temário de 112 assuntos, repartidos por treze secções (no Congresso de Lisboa, em 1949, houve apenas 30 temas, repartidos por oito secções). A multidão, que não deixará de acorrer ao Canadá de todas as partes do mundo, e onde os americanos estarão certamente em maioria, tem assim uma escolha extremamente larga de temas e poderá acompanhar uma ínfima parte das discussões; a despeito do esforço de limitar o tempo da apresentação das comunicações e a possibilidade de se reunirem conjuntamente várias secções afins. «A comissão do programa insiste em que as comunicações devem versar principalmente novas descobertas, conceitos e processos gerais e novas aproximações metodológicas»: precaução que ficará letra morta se a dita comissão não assumir o papel, pouco simpático e nada fácil, de irradiar certo número de comunicações que não sejam consideradas neste caso. O Canadá é um país rico: será possível, mesmo assim, publicar, com brevidade, tão abundante material?

A participação nos congressos, desde que se restabeleceram, depois da guerra, as relações científicas internacionais, tem aumentado, passando das centenas aos milhares. É impossível acompanhar todas as discussões com interesse, realizadas simultaneamente, os contactos humanos tornam-se difíceis, os conhecidos mal se vêem e quase não podem estabelecer novas relações. Por isso, muitos geógrafos de grande projecção pelas suas obras se vêm desinteressando destas imensas assembleias, privando-as assim da sua presença directa e da irradiação do seu pensa-

(1) Para conhecimento da evolução dos Congressos Internacionais de Geografia e da orgânica dos mais recentes, remete-se para uma longa nota de ILÍDIO DO AMARAL em *Finisterra*, III, 5, pp. 84-101.

mento. Mesmo assim, com todas as restrições apontadas, os congressos são, depois das revistas e memórias originais, a melhor forma de seguir a evolução da Geografia e de nos mantermos ao corrente de novas tendências e rumos da pesquisa.

O programa concede larga parte a certas orientações modernas, teóricas e abstractas, da Geografia: por exemplo, os modelos, além de ocuparem uma secção inteira, figuram mais quatro vezes noutras secções; na de Geomorfologia, propõe-se o estudo da superfície da Lua; os processos de cálculo são referidos em vários lugares; num que outro, parecem opor-se certas tendências modernas a «sectores de estudo que são mais tradicionais ainda que viáveis», como se diz a propósito de Geografia urbana. A Cartografia (inovação que se afigura muito feliz) aparece conjuntamente com formas de detectagem a distância e de tratamento de informações. Seria uma tentação discutir este programa, quer no conjunto, quer em vários pormenores: não o fazendo aqui, consigne-se apenas quanto é estimulante a leitura atenta dele.

Durante o Congresso haverá exposições apresentadas por diferentes países. Anuncia-se, desde já, a organização de *symposia*, reuniões de comissões e excursões — a parte mais atraente e proveitosa do Congresso, mas aquela em que é mais inseguro poder participar, pela necessária limitação de lugares. Esta parte do programa está sujeita a modificações, eliminando-se os temas que não tenham suscitado adesões suficientes. Os *symposia* foram uma feliz inovação do Congresso de Stockholm, 1960; alguns reúnem-se no decurso de excursões, com que se relacionam os temas respectivos. Prevêem-se 16 *symposia* e 18 comissões, que não parece corresponderem às comissões internacionais da União Geográfica Internacional, uma vez que todas têm um responsável canadiano. Nem para todas está ainda fixado o programa. Com os assuntos propostos à discussão (82) o número de temas sobe a 194!

Haverá também, antes e depois do Congresso, 20 excursões, de âmbitos e temas muito variados, desde o Canadá industrial e urbano até aos prados e estepes do interior e às bases do Grand Nord e da Groenlândia. Estas excursões durarão de uma a duas semanas e os mais longos percursos serão feitos de avião. Alguns privilegiados terão assim ocasião de visitar rapidamente, em excelentes condições de conforto e de direcção científica, aspectos das regiões polares, com a originalidade dos seus problemas físicos e humanos. Outros tomarão contacto com o estilo urbano da América anglo-saxónica e com áreas recentes de produção agrícola e pecuária, em larga escala e de elevado rendimento. Alguns terão a surpresa de encontrar, em aldeias, granjas e campos do Québec, um ar de velha Europa. Parece importante sublinhar que todas as excursões têm como director científico um professor.

Seja permitido, a quem tomou sobre si o pesado encargo da organização do primeiro congresso que se reuniu depois da guerra, desejar aos seus colegas canadianos, alguns dos quais foram, durante um trimestre de ensino na Universidade Laval, de Québec, companheiros de

trabalho, todo o êxito no importante empreendimento, que se anuncia, desde já, por uma organização modelar.

Em datas próximas reúnem-se, em Montréal, o XXIV Congresso Geológico Internacional e, em Ottawa, a Associação Internacional de Cartografia e a Sociedade Internacional de Fotogrametria.

Os geógrafos interessados em mais pormenores podem dirigir-se a:

Executive Secretary
22nd International Geographical Congress
P. O. Box 1972
Ottawa, Canada.

No Verão de 1971 realiza-se, como já se tornou habitual, uma Conferência Regional de Geografia, sob a égide da União Geográfica Internacional, desta vez na Hungria.

O. RIBEIRO